

O Discóbolo de Míron e a Educação Física brasileira: O que está por trás da aparência?

The Myron Discobolous and the Brazilian Physical Education: what is behind the appearance?

Ariza Maria Rocha
Universidade Regional do Cariri - URCA
Crato-Ceará-Brasil

Resumo

Este contributo tem o objetivo de discutir a representação da escultura *Discóbolo* de Míron no campo da Educação Física, obra que inspirou, em particular, o corpo, o movimento e algumas práticas e discursos dos cursos de formação de professor à disciplina escolar. Assim, apoiou-se nos estudos de Nielsen (2014a, 2014b), Papakonstantinou (2009, 2012a, 2012b, 2018), entre outros. A tese é que a imagem repercute nos discursos/práticas excludentes da disciplina escolar Educação Física, representando a tensão entre os significados provenientes da classe aristocrática da Grécia Antiga, em que corpo, esporte e atleta-ganhador exaltam a beleza, o que paradoxalmente também revela a exclusão de corpos “desproporcionados” e “inábeis”, gerando dificuldade ao professor, em geral, para superar a ideologia nacionalista, de *status*, de superioridade e de perfeição embutida na mensagem do *Discóbolo* de Míron.

Palavras-chave: *Discóbolo* de Míron; Simbologia; Educação Física.

Abstract

This contribution aims to discuss the representation of the sculpture Myron's *Discobolous* by the field of Physical Education, work that inspired, in particular, the body, movement and some practices and speeches of the formation of teacher courses to the school discipline. The bibliographic research was carried out based on the studies of Nielsen (2014a, 2014b), Papakonstantinou (2009, 2012a, 2012b, 2018), among others. As a conclusion, what is behind the appearance of that sculpture in the discourses and practices that are exclude in the Brazilian Physical Education from the tension between the senses coming the aristocratic class of Ancient Greece about the body, sport and athlete-winner that them exalt the beauty, paradoxically, also reveal the exclusion of bodies “disproportionate” and “awkward” in which teacher have difficult to overcome such in speeches and nationalistic practices, superiority and *status* from the message of the Myron's *Discobolous*.

Keywords: Myron's *Discobolous*; Symbology; Physical Education.

Introdução

O *Discóbolo* foi esculpido pelo grego Míron por volta do século V antes de Cristo (a.C.) para homenagear um atleta na competição do lançamento de disco, no entanto Donovan (1944) e Knight (1857) concordam que a obra original foi feita de bronze para homenagear o ganhador de pentatlo (competição de atletismo com corrida, arremesso de disco, salto, lançamento de dardo e luta).

Tal guerreiro/herói foi prestigiado e perpetuado como vitorioso na história da humanidade e, em particular, do mundo esportivo, tornando-se ícone de perfeição do movimento, harmonia e proporção de cada músculo daquela organização sociocultural e seus valores político-ideológicos, mitológico-ritualísticos, artísticos, educacionais e militares da Grécia Antiga.

A escultura do lançador de disco não é apenas um exemplo de homenagem ao atleta-guerreiro vitorioso da Grécia Antiga, tampouco somente um patrimônio artístico da humanidade, uma vez que carrega no bronze e no mármore as concepções corporais, as práticas sociais, educacionais e esportivas e as lições do mundo antigo, as quais foram além do seu tempo.

A escultura reflete o mundo da Grécia Antiga e, como tal, não pode ser compreendida isolada do contexto histórico-social daquela civilização, da mesma forma que, os valores que repercutiram em nossos dias, principalmente no campo da Educação Física. Diante do exposto, indago: qual é a essência – esquecida atrás do plano da aparência do *Discóbolo* de Míron – que repercutiu, e ainda repercute, no campo da Educação Física?

Pautado na indagação descrita, este contributo tem o objetivo de refletir sobre a representação da imagem do atleta de disco que inspirou, em particular, algumas práticas e discursos no campo da Educação Física dos cursos de formação de professor à disciplina escolar.

Inicialmente a pesquisa bibliográfica foi realizada a partir dos estudos de Nielsen (2014a, 2014b), Papakonstantinou (2009, 2012a, 2012b, 2018), Pritchard (2018), entre outros aportes teóricos que discutem as novas abordagens do esporte na civilização do Mundo Antigo. Em seguida, apoiei-me na pesquisa documental, a partir de imagens da escultura publicadas em obras que se destacaram na formação do professor da mencionada área, a

exemplo da Educação Física-Revista de Esportes e Saúde (1940), o livro de Julio Mazzei e Mauro S. Teixeira (1962?), entre outras fontes primárias e secundárias.

Alerto para dois pontos, a saber: 1) os conceitos de esporte da Antiguidade diferem daqueles da Modernidade, contudo as raízes do movimento esportivo moderno estão na civilização greco-romana; e 2) o texto não trata da negação de um corpo harmonioso, mas busca refletir o paradoxo imanente da escultura na ideia da superioridade do vitorioso diante da inclusão/exclusão de corpos que se apropriam do “ideal grego” no cotidiano escolar, na legislação e na formação do professor de Educação Física.

Dito isso, o texto tem a seguinte estrutura: “O *Discóbolo* de Míron: o esporte e o corpo na essência da Grécia Antiga” e “A identidade nacional, *status* e superioridade grega nos discursos e práticas da Educação Física brasileira”. A relevância deste ensaio está no alerta da ambiguidade gerado pela imagem do atleta da antiga sociedade grega, que inspirou o esporte e o corpo nos discursos e práticas da área da Educação Física brasileira.

O *Discóbolo* de Míron: o esporte e o corpo na essência da Grécia Antiga

O *Discóbolo* de Míron reproduz o movimento do lançamento da placa metálica ou pedra de cinco a sete quilos. A representação do corpo do atleta envolve a curvatura do tronco, a extensão do braço e a semiflexão do pé de apoio. Os detalhes anatômicos retratam a leveza, o esforço e a intenção do escultor em captar o movimento estático e transformá-lo em energia para impulsionar o lançamento.

Saliento que as réplicas da referida obra não contemplam o colorido (HOOPE, 2010) do movimento do Naturalismo dos gregos da Antiguidade e ainda há contestação da posição original do atleta no momento do lançamento, pois as cópias gregas se perderam ao longo do tempo e foram acopladas à estética romana. O Museu Britânico, por exemplo, guarda uma cópia do século II depois de Cristo (d.C.) esculpida em mármore, em que o lançador está com a cabeça baixa; já na cópia esculpida em bronze, o atleta está com a cabeça virada para o lado.

Apesar das diferentes posições do corpo esculpido, a reprodução da escultura na Roma Antiga e nas sociedades vindouras enfatiza as concepções, os significados e as práticas em prestigiar o atleta com poesias, patronos e festivais, que compuseram a organização sociopolítica e extrapolaram o legado histórico-artístico da Grécia Arcaica (NIELSEN, 2014a).

Como testemunho da Antiga Civilização, a referida escultura inspirou das civilizações antigas às contemporâneas na dimensão de esporte, estilo de vida saudável, legislação esportiva, jogos, treinamentos físicos, competições, megaeventos esportivos internacionais, dança, banho, caça (PAPAKONSTANTINO; REMIJSSEN, 2014).

Nessa perspectiva, diferentes concepções de homem difundidas nos poemas de Homero (SCANLON, 2004), Píndaro e Hesíodo refletem a divisão social entre a elite e o povo que coabitaram diferentes valores educacionais e esportivos no contexto histórico-social da Grécia Antiga, em que o esporte retrata a interação da elite e da política interestatal na Grécia Arcaica como estratégia de reconhecimento e distinção social (PAPAKONSTANTINO, 2010).

A devoção ao esporte popularizou-se por volta do século V-VI a.C., com os circuitos de competições pan-helênicas (NIELSEN, 2014b), incluindo os Jogos Olímpicos (PAPAKONSTANTINO, 2012b), patrocinados pelas Cidades-Estados para promover a integração através dos festivais religiosos que ocorriam nos santuários (NIELSEN, 2014a).

Ressalto ainda que as primeiras estruturas de competições esportivas (regras, juízes, espectadores, treinamentos, premiações, patrocinadores, atletas vitoriosos, etc.) e a criação de *gymnasion* para “treinar e educar” compõem a história cultural do esporte a partir do legado da Grécia Antiga (PAPAKONSTANTINO, 2018).

Templos, oráculos, anfiteatros, festas, banquetes, jogos, concursos, competições atléticas e espetáculos foram algumas das práticas sociais vividas no espírito comunitário daquela antiga civilização, inclusive formando associação de atletas para defender os direitos e privilégios durante os festivais pan-helênicos do circuito local e diante da participação de outras cidades vizinhas (SKOTHEIM, 2018).

Nesses certames, predominavam a participação dos jovens aristocráticos em competições das quais os bárbaros (estrangeiros), escravos, assassinos, ladrões, incendiários, entre outros “impuros”, não participavam, como também aqueles considerados dependentes, a exemplo de crianças, mulheres e velhos. Dava-se a identidade étnica de ser um grego ou um não grego, além da distinção social e de gênero (SCHARFF, 2018).

Saliento ainda que algumas famílias da aristocracia eram os patronos de atleta, membros do clã e promoviam os jogos no calendário cívico e religioso (comemoração de

soldados mortos, a exemplo da maratona, e construção dos santuários, a exemplo de Olympia), o treinamento (físico e militar), a vitória (perpetuada com monumentos, poemas, sepulturas, narrativas comemorativas e jogos funerários). Diante desses aspectos, Papakonstantinou (2018, p. 1, tradução minha) ressalta que: “[...] a história do atletismo na Atenas Arcaica tardia pode ser percebida como um conto de processos entrelaçados e às vezes concorrentes de centralização e exclusão”, o que revela a complexidade daquele esporte na Antiga Grécia.

Assim, famílias da elite do período arcaico ao clássico em Atenas apoiavam os atletas nos treinamentos, nas competições e nas viagens para deslocar-se aos locais do evento (PAPAKONSTANTINO, 2014). Tais gastos financeiros retornavam pelo reconhecimento social e reforçavam a memória pública e a manutenção do poder político-ideológico-cívico.

Nesse sentido, os caminhos do esporte cruzam-se com a guerra e a democracia (PRITCHARD, 2018), tríade presente na formação do guerreiro-atleta e da educação militar, intelectual e política dos jovens (PAPAKONSTANTINO, 2012a), contribuindo na consolidação e ampliação da democracia naquela sociedade (CHRISTESEN, 2013).

Os atletas provinham de todas as partes daquela civilização e a premiação tinha o valor simbólico de uma coroa feita das folhas de louro ou de ramos de oliveira, dependendo do lugar do evento. Os atletas também eram agraciados com cargos diplomáticos e homenageados na arte poética, nos vasos e na escultura, a exemplo do *Discóbolo* de Míron. Destaco ainda o papel do vencedor como formador de opinião diante dos patronos esportivos e dos espectadores (PAPAKONSTANTINO, 2014).

Em Esparta, Cidade-Estado da Grécia Antiga, o atletismo relacionava-se com a manutenção da ordem social do espírito de sobrevivência e guerreiro, assim os valores de meritocracia existiam desde a seleção de bebês perfeitos até o reconhecimento social do vitorioso (CHRISTESEN, 2012).

Entretanto, as práticas esportivas passaram da devoção ao desaparecimento por volta do século IV e início do século V a.C., (REMIJSEN, 2018). Acontecimento que se deu por vários fatores que marcaram o declínio do Império Romano e o crescimento do cristianismo, principalmente, quando o Imperador Teodósio (347-395), decretou o cristianismo como religião oficial do Império Romano em 380 d. C. assim, práticas e cultos religiosos considerados pagãos foram proibidos, contudo a expansão do esporte se alastrou pelo

Mediterrâneo, Mar Negro e Oriente Médio durante o período helenístico e romano (CHRISTENSEN, 2018; VAN NIJF, 2018).

No mundo antigo grego, as artes visual, cênica, literária e musical refletem a concepção de corpo desde o período geométrico até o helenístico. A natureza humana era a inspiração social, técnica e pedagógica da arte voltada para a harmonia, proporção e equilíbrio, assim indivíduos com falta de cabelo (calvície), adiposidade (exagero da forma do gordo), órgão masculino “desproporcional” ou constituição física mais fraca não atendiam aos requisitos de simetria e perfeição.

A proporção harmoniosa, perfeita e bela estavam presentes nos corpos que se exercitavam fisicamente, cuja musculatura atendia aos critérios de proporção. Fora desse âmbito estavam outros corpos diferentes, incompletos, imperfeitos que não atendiam o padrão da proporção, simetria e harmonia, assim “[...] é, portanto, explicável que desde a Antiguidade se tenha identificado Beleza com proporção” (ECO, 2014, p. 61).

Eis a concepção de corpo belo dos pré-socráticos à Platão (Diálogo Timeu), que se estendeu à saúde, o bem e ao divino, enfim, “[...] todas as coisas se formam sob a égide da harmonia” (ECO, 2014, p. 62). A esse respeito, Eco (2014, p. 62) explica a influência do filósofo matemático grego Pitágoras (570-500 a.C.) na concepção estético-matemática do universo, em que “[...] todas as coisas existem porque refletem uma ordem e são ordenadas porque nelas se realizam leis matemáticas que são ao mesmo tempo condição de existência e de Beleza”.

No pensamento do mencionado filósofo, a beleza segue os critérios de proporção, harmonia e forma, fundamentos da Escola de Pitágoras (FERGUSON, 2011), cuja defesa está na estrutura numérica que une o cosmo, a matemática, a ciência natural, a estética (arquitetura, escultura), os sons musicais e até a simetria do corpo humano presente na escultura e no esporte grego.

Do passado aos dias de hoje, o esporte daquela sociedade influenciou o modelo de corpo e as práticas socioculturais no contexto das questões econômicas, políticas, educacionais, ideológicas, religiosas e conflitos sociais, a exemplo dos confrontos: aristocracia e povo, homem e mulher, religião pagã e cristã, guerra e paz, liberdade e escravidão, ser grego e não grego, enfim, em tal fonte os esportes, as práticas corporais e o próprio campo da Educação Física foram defendidas no ideal de “[...] nacionalista e imperialista, filósofo e

político, radical e conservador, todos buscaram no esporte uma manifestação de identidade nacional, *status* e superioridade” (DYRESON; TERRET, 2011, p. VII, tradução minha).

Identidade nacional, *status* e superioridade estão na base da cultura esportiva da sociedade da Grécia Antiga. Parafraseando os autores acima, nem “nacionalistas, imperialistas, filósofos e políticos radicais e conservadores”, muito menos educadores, médicos higienistas e reformadores sociais deixaram de beber dessa fonte, que respingou em discursos e práticas da Educação Física brasileira, sobre as quais tratarei a seguir.

Representações e repercussões na Educação Física brasileira

A obra *História da Beleza*, organizada pelo filósofo italiano Umberto Eco (2014), aborda as mudanças ocorridas ao longo do tempo, espaço e até mesmo dentro de algumas sociedades da concepção de beleza, muitas vezes gerando diferentes interpretações e aproximações com a concepção de bom.

Diante dessa aproximação, Eco (2014, p. 9) afirma que “[...] tendemos a definir como bom aquilo que não somente nos agrada, mas que também gostaríamos de ter”. Eis o meu ponto de partida para apreender o ideal grego como belo e bom estendendo-se ao corpo, movimento, discursos e práticas da Educação Física brasileira que pontuarei com alguns exemplos nas próximas páginas.

Por ser uma educação humana, a Educação Física, como campo de conhecimento, outorga ao corpo humano a memória social da cultura, agregando símbolos, normas e sentidos, pois o homem, na fertilidade das suas relações sociais, cria e recria significados ao corpo ao longo da história.

Apoiado na simbologia grega, o campo da Educação Física assimilou o ideal de beleza do corpo e movimento, contudo é preciso considerar que tais elementos não estão isolados do contexto social daquela sociedade e não podem ser absorvidos “naturalmente” ou por imitação, assim do “ideal grego” estão “aglomerações de pedaços da cultura” (ALMEIDA, 2001, p. 103).

Diante disso, indago sobre o que está por trás da aparência do *Discóbolo* de Míron nos discursos e práticas da Educação Física brasileira. Representações sociais do corpo, do movimento e da Educação Física brasileira atreladas à representação do atleta, que, além da harmonia das proporções, feições e impressões, estão impregnadas de valores da identidade, *status* e superioridade da Antiga Grécia, conforme mencionei anteriormente. As

repercussões são tão evidentes quanto sutis e inculcadas nos discursos e práticas ao longo da história da referida área. Discorrerei sobre eles em breves linhas, sem a pretensão de esgotar o debate. Inicialmente Almeida (2001, p. 80) alerta:

De há muitos séculos, as ruínas e obras de arte gregas são imagens poderosas sobre as quais se projetam os desejos políticos de diferentes poderes do mundo ocidental e as representações e explicações de artistas e intelectuais. As Grécias certamente nunca se pareceram com essa Grécia Antiga, muito menos a do século XX.

Exposto o espelho, à guisa de exemplo, seguem algumas imagens que ilustram “[...] ideais, sonhos, medos e crenças de uma época. Logo, são elas próprias fontes históricas” (SILVA, K.; SILVA, M., 2009, p. 198). Assim, facilmente encontra-se a imagem do *Discóbolo* de Míron em livros, emblemas dos cursos de graduação da área, competições esportivas e escolares, enfim, a representação da “perfeição” perpassa também pela formação do professor da Educação Física na década de 1940, conforme segue o anúncio publicitário da revista *Educação Física – Revista de Esportes e Saúde*:

Imagem 1 – Anúncio publicitário sobre Educação Física

EDUCAÇÃO FÍSICA
JÁ SE ACHA A VENDA A COLEÇÃO ENCADENADA DE 1940

A mais bela e mais completa coletânea de artigos técnicos, doutrinários, científicos encontra-se na coleção da revista **Educação Física**, única no gênero no Brasil. É uma rica e enciclopédica ilustrada indispensável ao manuseio de todos os que se dedicam aos esportes, à educação física e aos problemas da saúde. Já está exposta à venda a **Coleção de 1939** num volume ricamente encadernado. **PREÇO — 25\$000**

COMPANHIA BRASIL EDITORA
Rua do Rosário, 173 — Rio de Janeiro
Caixa Postal 3066
(Faça o seu pedido pelo Serviço de Reembolso Postal)

EDUCAÇÃO PHYSICA
REVISTA DE ESPORTES E SAÚDE
Nº 1937/11

A ilustração central mostra o Discóbolo de Míron, uma escultura grega que representa um atleta lançando um disco.

Fonte: *Educação Física – Revista de Esportes e Saúde* (1940, p. 77).

A mencionada revista anuncia a venda do exemplar n. 11, referente ao ano de 1937, com “artigos técnicos, doutrinários, científicos” para “[...] todos os que se dedicam aos esportes, à educação física e aos problemas da saúde”. Lembro que, no ano de 1937, o Brasil vivia os dias do “Estado Novo” de Getúlio Vargas e os conturbados anos da Primeira Guerra Mundial, em que as potências aliadas lutavam contra o nazismo germânico.

A Educação Física, além de outros instrumentos a serviço da ideologia do Estado Novo, seguia os passos do nacionalismo para a valorização da raça forte, da juventude saudável. Para tanto, os jogos, os exercícios físicos, a saúde (para alguns) estavam nos discursos e práticas de autoridades políticas, educadores de prestígio, sanitaristas, artistas, entre outros, que defendiam o aperfeiçoamento da raça.

A busca pela identidade nacional aproximou os exercícios físicos (esporte, ginástica e outras atividades físicas na escola) da composição da tendência militarista na Educação Física, cujo viés extrapolou a caserna e passou a comandar a escola, estendendo-se à sociedade brasileira (GHIRALDELLI JUNIOR, 1988).

Para tal fim, alunos acima de 12 anos de todos os estabelecimentos de ensino deveriam seguir as “Instruções para os exames práticos de educação física” diante do professor, médico e inspetor do ensino (REVISTA, 1940, p. 13) para a execução das provas de velocidade (30, 50, 60 e 100 metros), corridas de resistência (400, 800 e 1.000 metros), salto em altura com impulso, salto em distância com impulso, transporte de peso, subida nas cordas duplas, apoio de subida na barra, subida na corda simples, arremesso da bola, arremesso do peso, transporte do fardo, exercício de equilíbrio, flexionamentos combinados, enfim, submissão de um treinamento militar com os escolares.

Ter o corpo forte, saudável e vitorioso é reflexo das condições socioeconômicas para uma classe privilegiada em detrimento de outra, contudo não bastava ser forte, era preciso ainda proceder de uma raça branca, tida como “superiora”, cujos laços entrelaçam-se com a eugenia positiva e a negativa, em que os “bem-nascidos” propagariam a gestação da raça de “puro sangue” na formação de um novo homem (eugenia positiva), enquanto a “má reprodução” deveria ser controlada (eugenia negativa).

Ser superior e mostrar a superioridade era o lema social incorporado em alguns discursos e práticas do campo da Educação Física. A eugenia não se restringiu ao Brasil, encontrou solo fértil em países como a União Soviética de Stalin e a Índia, bem como em continentes como a África, a América do Norte, a exemplo dos Estados Unidos da América,

a América do Sul, entre outras regiões. No Brasil, em particular, as ideias repercutiram em congressos, leis da migração, concursos de robustez de bebês, exames médicos e avaliações físicas escolares para a prática da disciplina da Educação Física na escola (CARMO, 2002; GÓIS JÚNIOR; LOVISOLO, 2003; SOARES, 1994), que também exerceu o papel de selecionar e aperfeiçoar a raça.

Nesse quadro, a busca em robustecer o brasileiro com o respaldo científico, a exemplo da concepção biologicista, está na gênese do campo da Educação Física, ao lado da identidade nacionalista tecida pela instrução militar nas escolas (ROCHA, 2009).

A eliminação do mais fraco, como o infanticídio, é uma prática antiga cujos registros bibliográficos apontam a sua existência na Grécia Antiga, mas não somente. Dwyer (2020) lembra que o sacrifício humano existia no Egito, Roma, Cartago, China, Japão e em algumas culturas africanas do passado.

Na Europa do século XX, algumas práticas eugênicas eram consideradas aceitáveis em dado contexto, como, por exemplo, a esterilização e segregação das pessoas consideradas incapazes mentalmente pela Lei de Deficiência Mental de 1913, na Grã-Bretanha (BROWNE, 2007); pobres, criminosos, doentes, loucos e até aqueles que não eram aprovados nos testes de coeficiente mental eram considerados perigosos à raça humana (BROWNE, 2007).

A seleção dos guerreiros gregos “fortes e hábeis”, os quais, diante da necessidade de sobrevivência nos campos de batalhas marcou a luta contra os inimigos e a escolha dos melhores militares.

Formar corpos fortes não passou despercebido do conflito ideológico dos interesses do capitalismo, socialismo, fascistas (FONZO, 2019) e nazistas, conforme aborda o filme, *Olympia* (1938), na direção e roteiro da alemã Leni Riefenstahl (1902-2003) aproximando a ideologia da “raça ariana” aos Jogos Olímpicos de 1936. Sobre essa temática, segue a imagem de Hitler ao lado da cópia da escultura do *Discóbolo*:

Imagem 2 – Hitler ante a escultura do *Discóbolo* Palombara



Fonte: Pliatsika (2010).

A fotografia foi retirada no ano de 1937, quando Hitler negociava a compra da referida cópia em uma exposição, a qual lhe foi vendida então por cinco milhões de liras (PLIATSIKA, 2010). Hoje encontra-se no Museu Nacional de Roma.

Por tais discursos e práticas político-ideológicas e pedagógicas, o campo da Educação Física, em diferentes momentos históricos, seguiu o ideal do corpo belo, forte e saudável e exaltou as qualidades associadas ao porte físico, inferiorizando os “inábeis”, isto é, excluindo os corpos fora do “padrão estatístico”, além de medicalizar a pobreza em nome da competição entre os fortes e iguais, priorizando a competição elitizada e a exclusão do povo.

Na legislação educacional brasileira, o Decreto-Lei nº 69.450/1971 e a Lei nº 6.503/1977 abordavam os casos de atestados médicos de “dispensa” das aulas de Educação Física, contudo tal prática ainda persiste, rotineiramente, para além dos documentos oficiais e das quadras esportivas.

Lembro que, no polo oposto, o movimento de inclusão social ocorreu a partir da década de 1980, que teve como culminância a realização do “Ano Internacional das Pessoas Deficientes” pela Organização das Nações Unidas (ONU) na Resolução ONU nº 45/91, de 14 de dezembro de 1990, durante a 68ª Sessão Plenária da Assembleia Geral das Nações Unidas. Mesmo após alguns anos, a importante iniciativa não foi absolvida em sua plenitude pelos educadores e sociedade, de uma forma geral.

O Discóbolo de Míron e a Educação Física Brasileira: O que está por trás da aparência?

Outra imagem do *Discóbolo* de Míron no campo da Educação Física vincula-se à *Coleção C.E.R.: Cultura, Educação, Educação Física, Esporte e Recreação*, de autoria de Júlio Mazzei e Mauro Soares Teixeira (1962?). Trata-se de uma coleção com quatro volumes voltados à formação de professores com foco em diferentes conteúdos a saber: *Sistemas de Treinamento Moderno, Alimentação Racional do Atleta, Testes em Educação Física e Esportes, Biometria, Socorros Urgentes, Cinesiologia, Higiene, Anatomia, Ginástica Feminina Moderna, Esportes Modernos, Religião e a Educação Física* (1962?), entre outros.

Embora não esteja expresso o ano da coleção na obra, vestígios apontam para a década de 1960, provavelmente 1962. Saliento que Júlio Mazzei (1930-2009) foi professor de Educação Física e ficou famoso por “descobrir” talentos no futebol, além de ter sido o preparador físico e responsável pelo *marketing* esportivo de Pelé no “New York Cosmos”. Sua contribuição no futebol foi destaque com a inserção de novos métodos de treinamento e o predomínio técnico-físico dos conteúdos da referida Coleção.

“O vigor que necessitamos” é a frase de abertura do III Volume dos referidos autores que traduzem do discurso do então Presidente John F. Kennedy (1917-1963), Presidente dos Estados Unidos da América do Norte (1961-1963) a respeito da “necessidade de melhoria da capacidade física geral” do povo daquele país.

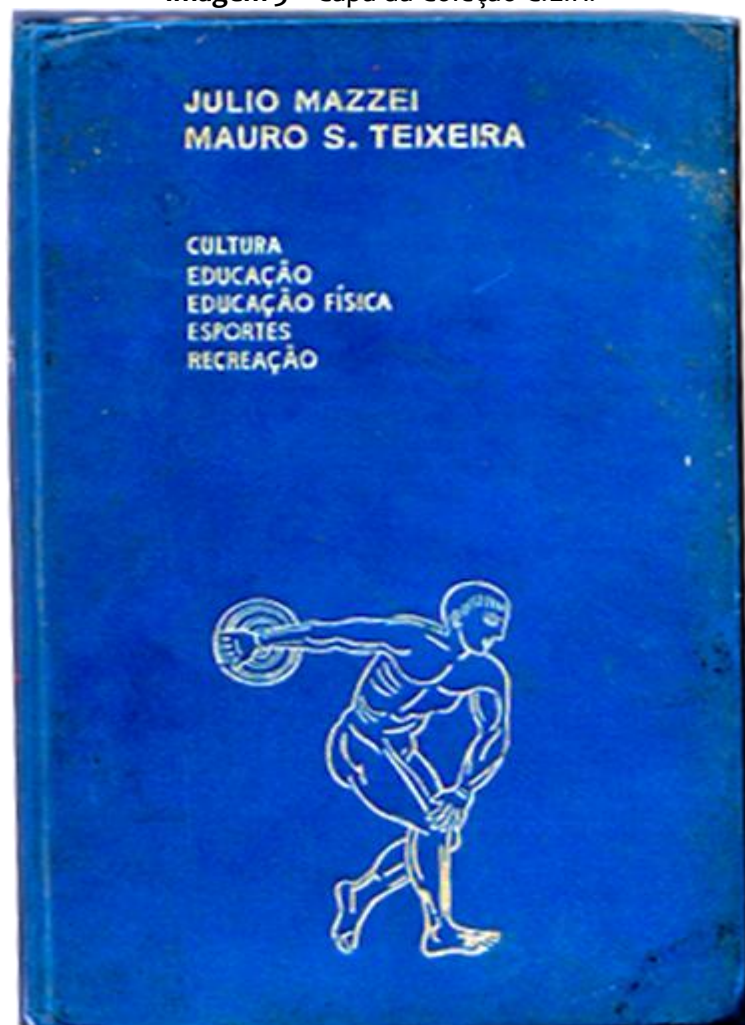
As palavras possuem peso, inflamam multidão e acendem as chamas ideológicas que nutriram, em particular, as disputas pelas medalhas nas competições dos Jogos Olímpicos, eventos esportivos, filmes nacionalistas etc., no contexto da Guerra Fria por isso mesmo, convêm à menção de algumas palavras:

Quando um cidadão grego retornava vitorioso à sua casa após competir nos Jogos Olímpicos ele era carregado triunfalmente para dentro de sua cidade, através de uma passagem especialmente aberta nas muralhas que contornavam a referida povoação. Assim a comunidade queria expressar simbolicamente que qualquer povoado que possuísse tal herói não teria necessidade de muralhas para defender-se. Apesar de que, e com certeza, a referida muralha fôsse imediatamente reparada quando sob a ameaça de forças armadas hostis, o ato simbólico tinha uma significação que ainda é válida para a América de hoje, da mesma forma que o era para a Grécia Antiga, significado esse tão bem expresso no dizer de Disraeli.- “A saúde de um povo é realmente o alicerce sobre o qual toda sua felicidade e todo o seu poder como Estado, se assentam (KENNEDY In. MAZZEI; TEIXEIRA 1962?, p.8).

Com certeza, a impressionante figura e oratória do então presidente, reforçando o ideal do atleta grego, influenciou os referidos professores ao ponto de todo o discurso no primeiro capítulo do Volume III da citada Coleção.

Esses autores possuem muitas obras na área da Educação Física, Esporte e Recreação. Diante de sua abrangência e importância, o acervo compôs a biblioteca daqueles que ansiavam ingressar na carreira, conforme trata o ponto “Coletânea de Assuntos para Teses de Concursos e Ingresso” (1962?), bem como na lista de leitura indispensáveis aos professores que atuavam no magistério, a exemplo, da então normalista professora Valba Gondim na Escola Normal Rural do Brasil no período de 1950-1970 (ROCHA, 2006, 2008). Eis a capa da obra com a presença do Discóbolo de Míron estampada nos quatro volumes:

Imagem 3 – Capa da Coleção C.E.R.



Fonte: Mazzei e Teixeira (1962?).

É nesse contexto que tais referências respingam na sociedade brasileira, em particular nas aulas de Educação Física, que se voltava, na ocasião, para a tendência

tecnicista ou desportivizante, ou seja, o “[...] rendimento esportivo, a busca de talentos esportivos, a aptidão física, a saúde e a integração social por meio do esporte” (MEC, 1991-1992), direcionando as avaliações escolares para a realização dos testes de aptidão física semestralmente de resistência orgânica, coordenação motora (polichinelo), impulsão vertical, flexibilidade, resistência abdominal, velocidade, força, bíceps e tríceps, cujas orientações eram destinadas aos alunos sem distinção de idade, sexo, série, turma ou turno.

A Lei nº 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), substituiu a mencionada legislação, embora modificada por textos legais subsequentes, contudo, pouco ou quase nada mudou na rotina escolar, em que a disciplina tinha exames físicos classificatórios e excludentes, em que os atestados médicos dispensavam os alunos diante da prevalência dos exames clínicos biométricos indicados nos diários de classe.

Saliento ainda que a inspiração do “ideal grego” também foi espelho para a participação da mulher no esporte, ou seja, a não-participação por ser considerada dependente, tal qual uma criança naquele contexto social. Lembro que o mundo masculino grego formou o guerreiro-atleta embalado pelo espírito agonístico, desde os treinamentos bélicos até os concursos de beleza do corpo expressos pela nudez atlética, que, segundo Mouratidis (1985), remete à competição entre iguais tanto na força quanto na cultura.

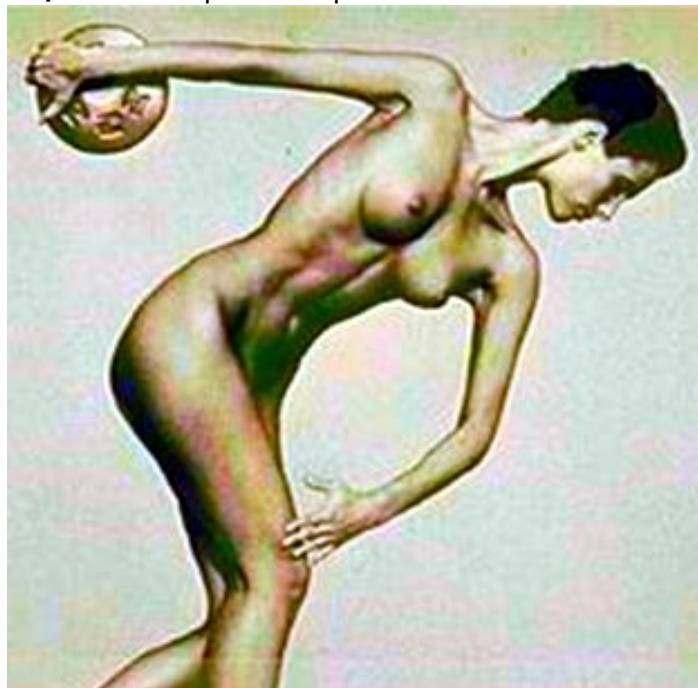
O vestígio de superioridade masculina, porém, atravessou os séculos e penetrou no mundo esportivo e no campo da Educação Física, que, por mais que tenha avançado, ainda são visíveis no distanciamento entre o esporte masculino e o feminino. Exemplos dessa distinção por sexo não faltam nas quadras esportivas, afora algumas exceções, os meninos jogam futebol e as meninas “carimbo” (também conhecido por queimada).

Contudo, esse abismo foi minimizado em nome da saúde das futuras mães de um país forte no contexto da referência higienista-eugenista, pensamento que não se restringiu ao Brasil. A esse respeito, Fournaraki e Papakonstantinou (2011, p. 52, tradução minha) explicam:

Nesse clima, a saúde e o desenvolvimento físico das futuras mães da nação ganharam uma importância articular e sem precedentes, mobilizando, de certa forma, os círculos pedagógicos, as associações voluntárias (ginástica e clubes esportivos e ação coletiva feminina) e também o Estado. De modo geral, na década de 1890, após a necessidade de igualdade de acesso ao exercício físico para ambos os sexos ter sido teoricamente estabelecida por meio de vários argumentos – nacionalistas, disciplinares, higienistas, médicos, etc.

Segundo os autores, esses foram os argumentos que sustentaram à inserção da mulher nas práticas esportivas da Grécia da década de 1890. A mulher é convocada a participar, ou melhor, gerar filhos fortes, à semelhança das mulheres espartanas. A trajetória do corpo feminino na sociedade move ricos debates e reflexões que não cabem aqui, contudo, friso que, séculos à frente, o corpo belo da mulher ecoou como produto e objeto-fetiche de marcas e/ou empresas famosas do mundo da moda, conforme demonstra a foto de Arthur Elgort no Calendário da Pirelli (1990):

Figura 4 – Mulher esportista representada no calendário da Pirelli



Fonte: Arthur Elgort (1990).

Ora vista como libertação, ora objetivação para alguns, a sensualidade do corpo feminino também pode ser vista como revolucionária, dada a inserção da mulher em vários campos sociais, entre eles, esportivos.

Os tempos avançam e as conquistas também, como, por exemplo, a participação de pessoas com deficiências nos esportes a partir do retorno dos campos da Segunda Guerra Mundial. Já nas escolas, as aulas da Educação Física, tal inserção ainda é um desafio para os professores e até mesmo para as escolas, embora não haja mais a legalidade das LDBEN de 1961 e 1971, está longe de ser acessível.

Retornando ao Discóbolo de Mirón, a imagem foi adotada como o símbolo dos profissionais da mencionada área, segundo a Resolução nº 49/2002 do Conselho Federal de

Educação Física (Confef), cuja inspiração vai da beleza do corpo ao anel de formatura da mencionada área, que deverá “ser de ouro, ter uma pedra central de cor verde e o símbolo (Discóbolo) nas laterais”, segundo o artigo 3º da referida resolução.

Por fim, afirmo que a Educação Física não conseguiu quebrar a exclusão (ainda que muitas mudanças já tenham ocorrido), porque vive um sonho de “ideal”, exortando a aparência, esquecendo a essência do ser na busca de perfeição, que nem na sociedade grega da Antiguidade existiu, pois a corporalidade do homem é determinada e determinante das ações mundanas, dos conflitos sociais e das classes, sejam do passado grego, sejam do Brasil do presente.

Por fim, afirmo que a Educação Física não conseguiu quebrar a exclusão (ainda que muitas mudanças já tenham ocorrido), porque vive um sonho de “ideal”, exortando a aparência, esquecendo a essência do ser na busca de perfeição, que nem na sociedade grega da Antiguidade existiu, pois a corporalidade do homem é determinada e determinante das ações mundanas, dos conflitos sociais e das classes, sejam do passado grego, sejam do Brasil do presente.

À guisa de uma conclusão

Os argumentos apresentados ao longo do texto apontam que o campo da Educação Física brasileira não ficou fora da influência da idealização da perfeição. Em todos os exemplos citados, a prática esportiva dos gregos é referência como ritual, devoção, participação, festa, política e exclusão, enfim, no contexto social daquele povo está o esporte como mecanismo da manutenção da ordem social pela busca de fazer e ser herói. Exemplos não faltam da Grécia Antiga registrados nas obras de arte, como na escultura do *Discóbolo* de Míron.

A exemplo do *Discóbolo* de Míron, a sociedade grega influenciou a posteridade com o treinamento físico, o corpo forte do guerreiro-atleta, o desenvolvimento de táticas e estratégias e de muitas práticas esportivas, tais como: luta greco-romana, pugilismo, atletismo, maratona, sem esquecer a ginástica, competição esportiva, medicina, treinamento físico, alimentação do atleta, megaeventos esportivos globais, associações atléticas, além do corpo belo em si, incluindo-se o sentido político de trégua na aproximação pan-helênica durante os Jogos Olímpicos.

O que está por trás da aparência do *Discóbolo* de Míron nos discursos e práticas da Educação Física brasileira? Está a tensão entre os “dois lados da moeda” que são excludentes. De um lado, os sentidos provenientes da classe aristocrática da Grécia Antiga de corpo, esporte e atleta-ganhador, o que inspirou o campo da Educação Física brasileira, bem como o mundo esportivo mundial e, paradoxalmente também revelam a exclusão de outros corpos, ou seja, os “desproporcionados” e “inábeis”

Nessa perspectiva, o corpo segue um itinerário histórico-cultural em que os conceitos de beleza e de movimento belo emergem da arte grega que o professor tem dificuldade de superar tal dilema diante do chamado da competição estampado nos discursos e práticas nacionalistas, superioridade e *status*, mensagem embutida no *Discóbolo* de Míron.

Referências

ALMEIDA, M. J. A liturgia Olímpica. In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 79-108.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e as Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 27 dez. 1961.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 12 ago. 1971.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 dez. 1996.

BROWNE, J. **A origem das espécies de Darwin**: uma biografia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CARMO, A. A. Inclusão escolar e a Educação Física: que movimentos são estes?. **Revista Integração**, Brasília, DF, v. 14, p. 6-13, 2002.

CHRISTENSEN, P. **Athletics and glocalization, ancient and modern**. Programme. Abstract. Athletics and identity in ancient and moderns cultures. 20-21 Sept., 2018, St. Andrews, Scotland. Generously funded by British society of sports history. University of St. Andrews, School of Classics. Disponível em: <https://www.st-andrews.ac.uk/classics/events/conferences/athletics-identity>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CHRISTESEN, P. Athletics and social order in Sparta in the Classical Period. **Classical Antiquity**, v. 31, n. 2, p. 193-255, 2012.

CHRISTESEN, P. Sport and democratization in Ancient Greece (with an Excursus on Athletic Nudity). In: CHRISTESEN, P.; KYLE, D. G. (Ed.). **A companion to sport and spectacle in Greek and Roman Antiquity**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2013. p. 209-235.

CONFED – Conselho Federal de Educação Física. **Resolução nº 49, de 10 de dezembro de 2002**. Dispõe sobre o símbolo, a cor e o anel de grau da profissão de Educação Física. Rio de Janeiro: Confef, 2002.

DWYER, P. Introducing the Aztec society. Course's **European Empires** The University of Newcastle, Australia 2020.

DONOVAN, J. **Rome Ancient and Modern, and its environs**. Rome: Printed for the Author, 1844.

DYRESON, M.; TERRET, T. Prefácio. In: FOURNARAKI, E.; FOURNARAKI, E.; PAPAKONSTANTINO, Z. (Ed.). **Sport, bodily culture and classical Antiquity in Modern Greece**. New York: Routledge, 2011. p. VII.

ECO, U. **História da beleza**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FERGUSON, K. **Pythagoras: his lives and the legacy of a rational universe**. Austrália: Icon, 2011.

FONZO, E. **Italian Fascism and the Olympic Games**. Second Annual Conference of the Center for Sociocultural Sport and Olympic Research, 15-16 Mar., University of California, Campus of Fullerton. California, 2019. Disponível em: <https://www.cssor.org/wp-content/uploads/2019/02/Conference-programme-2019-2.0.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

FOURNARAKI, E.; PAPAKONSTANTINO, Z. **Sport, bodily culture and classical Antiquity in Modern Greece**. London: New York: Routledge, 2011.

FREITAS, R. F. **Invisual, preconceito e anormalidade: os limites e potencialidades do corpo (d)eficiente não observado**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional do Cariri, Crato, 2020.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação Física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**. São Paulo: Loyola, 1988.

GÓIS JÚNIOR, E.; LOVISOLO, H. R. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil no século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 41-54, 2003.

HOOPE, V. **Art collecting and Myron's Discobolus: lure of the discus thrower**. Suite101, Apr. 20, 2010. Disponível em: <http://www.confef.org.br/confef/resolucoes/87>. Acesso em: 10 abr. 2020.

KNIGHT, C. **The English cyclopædia: a new dictionary of universal knowledge.** London: Bradbury & Evans, 1857.

MAZZEI, J.; TEIXEIRA, M. S. **Coleção C.E.R.: Cultura, Educação, Educação Física, Esporte e Recreação**”. São Paulo: Obelisco, 1962?.

MEC – Ministério da Educação e do Desporto. Um salto para o futuro: Educação Física. Boletim da Série de Educação Física. TV Escola (Canal do MEC). Emissão do dia 19/07. **Educação Física no Brasil: História e Atualidade.** Otavio Tavares e Guilherme Pacheco, Programa n. 2, p. 4, Rio de Janeiro, 1991-1992.

MOURATIDIS, J. The origin of nudity in Greek athletics. **Journal of Sport History**, v. 12, n. 3, p. 213-217, 1985.

NIELSEN, T. H. An essay on the extent and significance of the Greek athletic culture in the classical period. **Proceedings of the Danish Institute at Athens**, v. 7, n. 7, p. 11-35, 2014a.

NIELSEN, T. H. Panhellenic athletics at Olympia. In: CHRISTESEN, P.; KYLE, D. G. (Ed.). **A companion to sport and spectacle in Greek and Roman Antiquity.** Chichester: Wiley-Blackwell, 2014b. p. 133-145.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Resolução ONU 45/91, de 14 de dezembro de 1990.** 68a Sessão Plenária. Nova York: ONU, 1990.

PAPAKONSTANTINO, Z. Agariste's suitors: sport, feasting and elite politics in Sixth-Century Greece. **Nikephoros**, v. 23, p. 71-93, 2010.

PAPAKONSTANTINO, Z. *Athletics, elite, and the state in late Archaic Athens.* In: RIESS, W. (Org.). **Colloquia Attica.** Neuere Forschungen zur Archaik, zum athenischen Recht und zur Magie. Stuttgart: Franz Steiner, 2018. p. 81-95.

PAPAKONSTANTINO, Z. Sport in the cultures of the Ancient World: new perspectives. **International Journal of the History of Sport**, London, 2009.

PAPAKONSTANTINO, Z. Sport, victory, commemoration and elite identities in Archaic and Early Classical Athens. **C&M**, v. 65, p. 87-126, 2014.

PAPAKONSTANTINO, Z. The athletic body in Classical Athens: literary and historical perspectives. **The International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 12, p. 1657-1668, 2012a.

PAPAKONSTANTINO, Z. Youth sport participation and victory in Archaic Greece. **Nikephoros**, p. 121-130, 2012b.

PAPAKONSTANTINO, Z.; REMIJSEN, S. Annual bibliography of sport in Antiquity 2014-2015. **Nikephoros**, v. 27, p. 317-358, 2014.

PLIATSIKA, V. Hitler and the Discobolus. **Consuming Greek Antiquity: Hitler and the Discobolus**, 2010. Disponível em: <https://consumingantiquity.blogspot.com/2010/09/hitler-and-discobolus.html>. Acesso em: 28 ago. 2020.

PRITCHARD, D. **War and games in democratic Athens**. AnCh3020 Special Topic in Greek History. Course Summary. Second Semester, 2018. Programme. Abstract. Athletics and identity in Ancient and Moderns CULTURES. 20-21 Sept., 2018, St. Andrews, Scotland. Generously funded by British society of sports history. University of St. Andrews, School of Classics. Disponível em: <https://www.st-andrews.ac.uk/classics/events/conferences/athletics-identity>. Acesso em: 20 abr. 2020.

REMIJSEN, S. **Athletes as Christian sinners?**. Programme. Abstract. Athletics and identity in ancient and moderns cultures. 20-21 Sept., 2018, St. Andrews, Scotland. Generously funded by British society of sports history. University of St. Andrews, School of Classics. Disponível em: <https://www.st-andrews.ac.uk/classics/events/conferences/athletics-identity>. Acesso em: 20 abr. 2020.

REVISTA de Esportes e Saúde. Arthur Elgort no Calendário da Pirelli. **Revista de Esportes e Saúde**. Rio de Janeiro: Companhia Brasil, 1940.

AUTOR. De Juazeiro do Norte aos estudos na capital cearense: a trajetória de D. Valba Gondim em ser professora de Educação Física na Primeira Escola Normal Rural do Brasil no período de 1950-1970. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: 2006.

AUTOR. **Educação Física escolar: história da inserção e consolidação na capital cearense**. 2008. 172 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

AUTOR. O acrobata, os instrutores militares e as normalistas na trajetória da Educação Física escolar em Fortaleza (1865-1930). In: CIHELA, 9., Rio de Janeiro, 2009. **Anais...** Rio de Janeiro: Cihela, 2009.

SCANLON, T. F. Homer, the Olympics, and the Heroic Ethos. In: KAILA, M. *et al.* (Ed.). **The Olympic Games in Antiquity: “bring forth rain and bear fruit”**. Athens: Atrapos, 2004. p. 61-91.

SCHARFF, S. **Becoming Greek by means of athletic competition**. The self-presentation of Non-Greek athletes in the Hellenistic Period. Programme. Abstract. Athletics and identity in Ancient and Moderns Cultures. 20-21 Sept., 2018, St. Andrews, Scotland. Generously funded by British society of sports history. University of St. Andrews, School of Classics. Disponível em: <https://www.st-andrews.ac.uk/classics/events/conferences/athletics-identity>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SKOTHEIM, M. **Identity of the amateur, life of the professional:** on the formation of an association of athletes. Programme. Abstract. Athletics and identity in ancient and moderns cultures. 20-21 Sept., 2018, St. Andrews, Scotland. Generously funded by British society of sports history. University of St. Andrews, School of Classics. Disponível em: <https://www.st-andrews.ac.uk/classics/events/conferences/athletics-identity>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SOARES, C. L. **Educação Física:** raízes europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

TEIL – Fest der Schönheit. Direção: Leni Riefenstahl. Produção: Leni Riefenstahl. Berlin: 1938. (Documentary).

VAN NIJF, O. **Connecting the Greeks:** festival networks in the Hellenistic and Roman periods. Programme. Abstract. Athletics and identity in Ancient and Moderns Cultures. 20-21 Sept., 2018, St. Andrews, Scotland. Generously funded by British society of sports history. University of St. Andrews, School of Classics. Disponível em: <https://www.st-andrews.ac.uk/classics/events/conferences/athletics-identity>. Acesso em: 20 abr. 2020.

Sobre a autora

Ariza Maria Rocha

Professora Dra. do Mestrado Profissional em Educação, Universidade Regional do Cariri. URCA, Crato, Ceará, Brasil. Email ariza.rocha@urca.br
[ORCID-http://orcid.org/0000-0003-4706-8646](http://orcid.org/0000-0003-4706-8646)

Recebido em: 06/09/2020

Aceito para publicação em: 07/09/2020